

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MILAGRE ECONÔMICO” BRASILEIRO NA IMPRENSA DOURADENSE (1970-1973)¹

Juliana dos Santos Pereira
Graduada em História – UFGD

Fabiano Coelho
Mestre em História - UFGD
Técnico em Assuntos Educacionais - UFGD

RESUMO: Na década de 1970, período em que o Brasil era governado pelos militares, ocorreu um considerável crescimento da economia brasileira, proporcionando ao país o desenvolvimento do setor industrial e a ampliação de sua infra-estrutura. No governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), o Brasil se tornou um mercado atrativo, de modo que capitais prosperaram tanto na forma de empréstimos quanto de investimentos diretos. A imprensa, no auge do denominado “milagre econômico”, divulgou de forma positiva os projetos criados e mantidos pelo Governo, já que sob o efeito da censura, as reportagens políticas eram escritas de forma superficial e amena. Em particular, a região Centro-Oeste também sentiu os efeitos desse crescimento econômico, sobretudo, com a construção de indústrias, a viabilização de investimentos em infra-estrutura e no setor agropecuário. Diante disso, este trabalho objetiva refletir como a imprensa Douradense, em especial, por meio do jornal *Folha de Dourados* (1970-1973), representou em suas páginas as ações do Estado, dentro do chamado “milagre econômico”.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa, Milagre Econômico, Ditadura Militar, Dourados.

ABSTRACT: In the decade of 1970, period that Brazil was governed by the military forces, it happened a considerable growth of the Brazilian economy, providing to the country the development of the industrial section and the amplification of its infrastructure. In the government of the General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Brazil became an attractive market, which capitals prospered so much as in the form of loans as on direct investments. The press, in the peak of the denominated "economical miracle", published in a positive way the created projects and the ones maintained by the Government, although the

¹ O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada junto ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq 2008-2009), sob a orientação do Prof. Dr. João Carlos de Souza.

political reports were written in a superficial and suave way under the effect of the censorship, . In particular, the Center-west area, also felt the effects of that economical growth, above all, with the construction of industries, investments in infrastructure and in the agricultural section. In this way, this work aims to analyse the press from Dourados, especially, through the newspaper *Folha de Dourados* (1970-1973), it represented in its pages the actions of the State, about the " economical miracle".

KEY-WORDS: press, economical miracle, Military Dictatorship, Dourados.

Introdução

A realização deste trabalho tem por finalidade entender algumas questões que envolvem a imprensa², especificamente, na cidade de Dourados, no sul do antigo Mato Grosso. Trataremos do período denominado “milagre econômico”, que ocorreu no Regime Militar. A fonte principal de pesquisa será o jornal *Folha de Dourados*.

O período compreendido entre 1970 e 1973 será o recorte temporal a que nos basearemos. Nesses anos, a economia brasileira teve um aumento considerável devido ao incentivo do Estado. O governo lançou inúmeros projetos para que a economia alcançasse índices elevados e também permitiu que o mercado externo instalasse no país diversas empresas. Em decorrência desses projetos, ocorreu de fato um crescimento, mas a renda obtida ficou apenas nas mãos de pequena parte da população do Brasil.

Nesse contexto, quem governava o país era o general Emílio Garrastazu Médici. Foram os anos mais severos da Ditadura Militar no Brasil. No que tange aos interesses do Estado, a imprensa se configurou como uma das alternativas mais eficazes. Os fatos noticiados, por vezes, sempre enalteciam as ações do Governo, e buscavam persuadir os leitores a favor do Regime estabelecido. No caso dos jornais, estes visavam fazer com que os leitores pensassem da mesma forma como os autores das notícias. No período do “milagre econômico” brasileiro, isso ocorreu de forma intensa, de modo que muitos

² A noção de “imprensa” é um tanto vaga e imprecisa. A palavra advém de “prensa móvel”, aperfeiçoada por Johannes Guttenberg, no século XV. “Imprensa” pode remeter-se ao conjunto de veículos de comunicação, divididos em três eixos, ou categorias: impresso, radiofônico e televisivo. Não se pode esquecer, sobretudo, a partir da década de 1990, da “imprensa virtual” – ou seja, a utilização da internet para se comunicar e informar. Em comum, todas essas formas se utilizam da linguagem. Neste trabalho, analisando o jornal *Folha de Dourados*, focamos a imprensa escrita, ou o chamado “periódico impresso”.

proprietários de jornais apoiaram o Golpe de Estado, ocorrido em 31 de março de 1964. Em suas pesquisas, Alzira Alves de Abreu (2002, p. 13) demonstrou que muitos grupos ligados à União Democrática Nacional (UDN) conspiraram com os militares para efetuar o Golpe.

Na região de Dourados, a situação não era inversa. Os jornais da cidade publicaram inúmeras notícias sobre o crescimento econômico do município e do Estado. Diferente dos grandes centros, a economia da região de Dourados baseava-se na agricultura, desta forma muitos eram os incentivos do Governo para os agricultores. A expressão “milagre econômico” não foi encontrada em nenhum dos exemplares analisados do jornal *Folha de Dourados*. Todavia, a partir das análises, constatamos que a região de Dourados sentiu a “alta” da economia, podendo isso ser evidenciado nas mais diversas páginas deste periódico.

A realização da pesquisa tornou-se possível em função de leituras e levantamentos bibliográficos sobre o tema em questão, dentre eles livros, teses, artigos, dissertações, entre outros, que discutem a Imprensa e o “milagre econômico” como um momento histórico da nação durante a Ditadura Militar.

Além das leituras que deram ênfase à construção do artigo, como já foi explicitado, utilizamos como fonte de pesquisa as edições do jornal *Folha de Dourados*, nos anos de 1970 a 1973. O referido jornal pode ser encontrado no Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). As coletas de dados foram realizadas entre os meses de julho de 2008 e outubro de 2008.

Seria possível usar a imprensa como documento histórico? Há algumas décadas os historiadores vêm se utilizando da imprensa como fonte histórica, sendo trabalhada como fonte principal ou auxiliar nas pesquisas. É preciso ressaltar que os periódicos também se tornaram “objetos” da história³. Mas esse fato nem sempre foi assim, o que se evidencia quando analisamos o contexto anterior à década de 1970, em que os jornais, por exemplo, recebiam certo desprezo como fonte histórica. Eram questionados pela sua suposta falta de objetividade, por fornecerem imagens parciais e distorcidas da realidade (LUCA, 2005: 112).

Entretanto, muitos historiadores utilizaram os jornais como fonte para edificação de seus trabalhos. Os mesmos utilizavam os jornais para adquirir dados de fins econômicos, demográficos, ou para verificar aspectos sociais ou políticos de uma época. Tudo o que é exposto, ou representado nas páginas dos periódicos, pode se tornar referência relevante

³ Sobre o fato de os periódicos passarem a ser “objeto” da história, citamos como exemplos os seguintes trabalhos: CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980; e LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

para pesquisas. Questões relacionadas aos meios social, policial, esportivo, político, econômico, cultural, religioso, de entretenimento, etc. são passíveis de serem investigadas nos periódicos, dependendo da problemática e das perguntas que o pesquisador levantar em seu trabalho.

Importa ressaltar que não somente os discursos escritos expressos nos periódicos podem servir como referências para as pesquisas, mas também as imagens contidas em seu interior. Estas podem ser relevantes para a interpretação dos quadros de representação social, dos códigos de comportamento da sociedade⁴, enfim, das diversas relações que envolvem o ser humano em movimento.

Imprensa

Por volta de 1950, o monopólio da informação no Brasil estava nas mãos do rádio e da imprensa escrita. Por estar em seu início, a imprensa não possuía recursos e por isso dependia financeiramente do Estado, de pequenos anúncios populares e de publicidades de lojas comerciais. Com o passar do tempo, já no final da década de 1950, a imprensa foi se modernizando e algumas mudanças foram acontecendo. De acordo com Abreu (2002: 11), a partir desse período, os noticiários se ampliaram, a grafia foi se aperfeiçoou, e os jornais adotaram a fotografia na primeira página⁵.

Na década de 1960, as mudanças continuaram na história da imprensa, como nas adaptações dos textos, na grafia e no cuidado com as notícias, em decorrência da censura do Regime Militar. Nesta época, a imprensa, de forma geral, passou a dar destaque maior aos noticiários sobre economia, deixando um pouco de lado os temas relacionados à política, que eram minuciosamente vigiados pelos censores⁶, a fim de que nenhuma crítica ao Governo fosse publicada. Assim, de acordo com Abreu, “*os temas políticos passaram a ser cuidadosamente censurados, enquanto a imprensa, com uma série de estratégias e artifícios, tentava denunciar a ação da censura*” (2002: 15).

⁴ Sobre o estudo de imagens em periódicos, destacamos os trabalhos de Ana Maria Mauad, que desenvolveu pesquisas relevantes nesta área. Ver: MAUAD, Ana Maria. *Sob o Signo da Imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro*. 1990. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro; O Olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Marias Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

⁵ Sobre a história da imprensa no Brasil, ver: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008; MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

⁶ Pessoas encarregadas pelo Governo para examinar publicações, peças teatrais, obras literárias entre outros meios de comunicação.

Por causa da censura estabelecida pelo Governo dos militares, muitos periódicos foram fechados por não apoiarem o Regime, sofrendo inúmeras repressões (ABREU, 2002: 18). Entretanto, essa não foi a única causa do número elevado de desaparecimento de jornais e revistas na época. Muitos deles não conseguiam se sustentar, por causa do preço elevado do papel elevado, consequência da crise que começava se alastrar no mundo a partir do início da década de 1970.

É preciso salientar que no início do Golpe, grande parte da imprensa do Brasil apoiou o Regime Militar. A complacência aos militares é atestada pelo fato de o Estado não ter criado seus próprios veículos de comunicação. Nesta direção, conforme Ana Maria de Abreu Laurenza:

A maioria dos grandes jornais do país apoiou, ao menos no início, o golpe militar de 1964, e os coronéis que entravam nas redações para manter a ordem do dia editorial não iriam se abalar com as velhas táticas de Chateaubriand: ameaçar a pauta de publicação de verdades, meias-verdades ou mentiras, caso não pagassem ou permutassem com o caixa dos *Associados* (LAURENZA, 2008, p. 182).

A intensidade da censura não foi igual durante o período ditatorial. Porém, houve uma censura mais rigorosa, especialmente, com a promulgação do Ato Institucional nº 5⁷, em 13 de dezembro de 1968. Neste período, jornais foram invadidos e fechados. Contudo, diante de muitas censuras e repressões, grande número dos jornais se utilizava de artifícios para mostrar que estavam sendo censurados. Desta forma, “[...] *nos espaços das matérias que haviam sido proibidas, alguns jornais e revistas publicavam receitas culinárias absurdas ou poemas*” (ABREU, 2002: 15). No que tange ao AI-5, como também à sua relação com a imprensa e à forma adotada por alguns periódicos para burlar a censura, o pesquisador Flávio Aguiar destaca:

Com a proclamação em 13 de dezembro de 1968 do Ato Institucional n. 5, que fechou o Congresso, suspendeu as garantias constitucionais e, entre outras coisas, foi usado para legalizar a censura prévia, o regime passou a exercer de forma mais direta a atividade sensória sobre a imprensa e a mídia. Censores foram instalados nas redações dos jornais; circulares eram enviadas a elas, dizendo o que se podia dizer e o que não se podia, vetando assuntos, nomes de pessoas e até palavras, como Brizola, Arraes, ‘comunismo’, ‘tortura’ etc. Nas redações dos grandes jornais, televisões e rádios isso funcionava, pois o controle dos proprietários através das

⁷ O Ato Institucional nº5, ou AI-5, foi o quinto decreto emitido pelo Regime Militar nos anos seguintes ao Golpe de 1964. Ele se sobrepunha à Constituição Federal, às constituições estaduais, dando poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendendo várias garantias constitucionais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MILAGRE ECONÔMICO” BRASILEIRO NA IMPRENSA DOURADENSE (1970-1973) – por Juliana dos Santos Pereira e Fabiano Coelho

chefias era expressivo e ajudava a impor obediência, ainda que com o passar do tempo muitos desses jornais passassem a se opor a essa censura que lhes era, pra dizer o mínimo, incômoda. Daí criou-se o hábito, por exemplo, em *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal da Tarde*, da mesma empresa, de substituir as notícias vetadas por versos de Camões ou receitas culinárias (AGUIAR, 2008: 238).

Não podemos deixar de mencionar a existência de jornais que faziam críticas ao Governo Militar brasileiro. O jornal carioca *Última Hora*, foi um dos únicos que assumiu posição crítica frente às autoridades militares, demonstrando abertamente apoio a João Goulart, que “*apoiou as chamadas reformas de base e as reivindicações dos sindicatos e dos movimentos de esquerda*” (ABREU, 2002: 14). Há que se destacar também os periódicos denominados “alternativos”, ou a chamada “imprensa alternativa”, que se proliferaram entre os anos de 1960 e 1980⁸.

O “jornalismo econômico” nasceu na época em que a economia brasileira alcançava índices elevados, devido ao grande incentivo do Governo. A alta da economia ocorreu no início dos anos de 1970, ficando o período conhecido como “milagre econômico”. Surgiram jornalistas especializados nos assuntos “econômicos”, fato que não existia antes. As notícias passaram a ser acompanhadas de análises, diferente das antigas que eram notícias essencialmente financeiras ou comerciais, somente apresentando números, voltadas apenas para informações práticas.

No governo de Ernesto Geisel (1974-1979), a censura foi mais amena contra a imprensa; os jornais e as revistas, bem como grande parte dos meios de comunicação passaram a agir com mais desenvoltura em defesa do retorno da democracia. A partir da segunda metade da década de 1970, a censura passou a agir com menos rigor, de modo que os telefonemas e avisos repressores às emissoras de rádio e TV começaram a diminuir. Nessa época, surgiam as notícias de que a crise se alastrava no Brasil e no mundo, particularmente, a crise do petróleo, iniciada por volta de 1973. Na compreensão de Abreu, notícias sobre desemprego, fome, má distribuição de renda e críticas ao Governo aos poucos se tornaram frequentes (2002: 26).

No que tange à televisão, podemos dizer que, no início da década de 1950, o seu desenvolvimento estava em fase incipiente. Ainda de acordo com a autora, foi somente após os anos 1970 que a televisão passou a se tornar um meio de comunicação “em massa”⁹

⁸ Sobre “imprensa alternativa”, em especial, nos anos de 1960 e 1980, ver: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1991.

⁹ Meios de comunicação de massa são os meios, ou canais de comunicação utilizados na transmissão de mensagens a um grande número de receptores. Os mais comuns são os jornais, as revistas, o rádio, a televisão e, o mais recente, a Internet.

(2002: 16). A primeira emissora do país foi a TV Tupi de São Paulo. Com o passar dos anos, foi criada a TV Rio, e mais tarde outras emissoras, como a TV Globo no ano de 1965.

A partir de análises e reflexões sobre a imprensa, é possível dizer que ela além de informar, também serve como um veículo de comunicação capaz de induzir e formar pensamentos. Em geral, suas notícias não são imparciais e neutras diante dos acontecimentos. Através de palavras e imagens, a imprensa visa agir no real. Destacando especificamente os jornais, é possível notar a sua influência no meio social. Isso fica evidenciado em notícias que expressam opiniões claras e parciais, ou ao apresentar imagens que causam impacto, formando e transformando opiniões.

Para elucidar o que está sendo discutido, convém citar um artigo do jornal *Folha de Dourados*. O artigo intitulado de “*Fragelli, futuro governador do Estado*”, publicado em 20 de junho de 1970, expõe toda a satisfação do jornal ao noticiar a posse do governador do estado de Mato Grosso indicado pelo então Presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici: “*Nós não telegrafamos, porque sempre estivemos e estaremos ao lado de Fragelli, e outros antigos companheiros de lutas, que permanecem de sentinela pela defesa da Pátria e direitos humanos, e liberdade democrática*”¹⁰.

As palavras proferidas no artigo do jornal são fortes, e de certa forma querem interferir na formação de um pensamento positivo sobre o futuro governador. Quando utiliza essas palavras: “que permanecem de sentinela pela defesa da Pátria”, procura convencer a sociedade de que Fragelli seria um ótimo governador, assim como os anteriores, sem deixar, é claro, a população entender os objetivos da notícia, que é convencê-la.

Representações da imprensa douradense sobre o Regime Militar

Sob censura, a maior parte da imprensa, durante a Ditadura Militar, era controlada e se limitava em suas reportagens quanto às críticas ao Governo. Muito pelo contrário, o que realmente havia eram notícias exaltando-o. Havia um censor em quase todas as redações para supervisionar as reportagens, ou existia a autocensura até por parte dos próprios redatores.

Em análises, percebemos que, nas edições do jornal *Folha de Dourados*, muitas notícias eram publicadas enaltecendo o grande acontecimento que foi a “Revolução de 1964”. A edição de 13 de março de 1971 publicou uma notícia que tinha por título “*Ministro*

¹⁰ Fragelli, futuro governador do Estado. *Folha de Dourados*, Dourados, p. 01, nº. 114, ano III, 20 de junho de 1970.

do Exército orienta comemorações de 31 de março”, que oferece um explícito exemplo sobre isso:

[...] a revolução democrática de 31 de março de 1964 constitui acontecimento do mais alto significado cívico – patriótico para os destinos da nacionalidade brasileira, as comemorações no corrente ano [...] se constituirão em jornada de trabalho no qual todos os escalões do governo e em todos os setores participem de atividades em comunidade¹¹.

O que podemos verificar na fala do ministro do Exército, Orlando Geisel, é a ausência de críticas, e intenso engrandecimento feito ao Governo, especialmente quando se fala que a Revolução constituiu-se como um acontecimento do mais alto significado cívico-patriótico. Neste caso, provavelmente muitas pessoas acabaram se influenciando por esta notícia, principalmente, a população do interior que não tinha muito conhecimento sobre o período ditatorial. Não havia somente notícias exaltando o Governo presidencial, mas também governadores e prefeitos, enfim, toda classe política comprometida com o Regime Militar.

Nesta época, a imprensa, de forma geral, passou a dar um destaque maior aos noticiários sobre economia, afastando-se um pouco do tema político, que era minuciosamente vigiado, para que nenhuma crítica ao Governo fosse publicada. No dia 4 de maio de 1972, foi publicado no jornal *Folha de Dourados* um artigo referente à economia brasileira. Neste artigo, com o título “Cr\$ 206,40 é o salário mínimo em Mato Grosso”, salientou-se o aumento salarial nos diversos estados brasileiros. No período, o salário mínimo dos brasileiros oscilava entre 182,40 e 268,8 cruzeiros, e no estado de Mato Grosso era estipulado em 206,40 cruzeiros¹².

Os discursos deste artigo tinham como pretensão fazer com que a população acreditasse no grande salto da economia. E, além disso, tentava criar representações no sentido de que o estado de Mato Grosso estava em um patamar elevado, comparado aos outros estados, já que o salário dos mato-grossenses não era inferior as outras regiões do território brasileiro.

¹¹ Ministro do Exército orienta comemorações de 31 de março. *Folha de Dourados*, Dourados, p. 03, nº. 148, ano IV, 13 de março de 1971.

¹² Cr\$ 206,40 é o salário mínimo em Mato Grosso. *Folha de Dourados*, p. 01, nº. 223, ano V, 04 de maio de 1972.

Dourados no período da Ditadura Militar

Para que se possa compreender como se caracterizou o contexto da Ditadura Militar na região de Dourados, acreditamos que é preciso entender o cenário político que estava vivendo os brasileiros na época. Getúlio Vargas pertencia ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) que, por sua vez, foi criado por ele. E com a implantação da Colônia Agrícola, o partido cresceu consideravelmente em Dourados, fortalecendo-se ainda mais no início dos anos de 1960, quando foi eleito para prefeito o petebista Vivaldi de Oliveira e, posteriormente, Napoleão Francisco de Souza, conforme Suzana Arakaki (2008: 49).

No entendimento desta autora, nos anos de 1960, o Presidente da República, João Goulart (Jango), esteve na cidade de Dourados para entregar títulos de propriedade de “lotes” para os colonos, assim como fez Getúlio Vargas na década de 1940. A vinda de Jango a Dourados teve uma grande repercussão na imprensa:

A visita do presidente foi anunciada pelo jornal no dia anterior à sua realização. [...] na edição seguinte, foram comentados os discursos proferidos pelo presidente e pelo governador, em notícia de primeira página, com fotos do presidente, do governador do estado e do prefeito local (ARAKAKI, 2008: 51).

Mesmo havendo na cidade de Dourados muitos simpatizantes do PTB, de Getúlio Vargas e, posteriormente, de Jango, a população não era muito adepta aos projetos do presidente e, principalmente, face à “Reforma de Base”, pelo fato de que nela estava contida a reforma agrária e a reforma urbana¹³.

Se acontecesse a “reforma agrária” em Dourados, os colonos temiam perder suas terras. E, caso tivesse a “reforma urbana”, os inquilinos poderiam tomar posse das casas. No início do seu povoamento, Dourados recebia terras rurais e urbanas do Governo Federal. Assim, de acordo com Arakaki, “[...] *tomar propriedade era coisa de governo comunista, como já se difundira ideologicamente entre os habitantes locais*” (2008: 52-53).

O ano de 1964 iniciou-se com expectativas negativas para região de Dourados. Jango não possuía apoio legislativo para implantar as Reformas de Base. Em razão disso, promulgou o decreto de 13/03/64, prevendo a desapropriação de áreas rurais improdutivas. No contexto da região e da época, esse decreto teve repercussão imediata.

¹³ “Reforma de Base” foi o nome dado pelo presidente João Goulart (1961-1963) às suas medidas políticas, que visavam “reformas estruturais” em diversos setores do país (educação, estrutura agrária, política, etc).

Weimar Gonçalves Torres, deputado federal pelo Partido Social Democrata (PSD) e proprietário de um jornal da cidade, era contra o PTB, e destacou como negativas as pretensões do presidente, insinuando que Jango espalharia o terror na região. Para Arakaki, o discurso de Weimar Torres não era apenas de revolta, mas também um discurso político de seu partido (2008: 54).

Não somente o PSD era contra o Governo, mas também a União Democrática Nacional (UDN). Surgia na região “grupos” que tinham como objetivo combater o “comunismo”. No entender de Arakaki, a ADEMAT – Ação Democrática Mato-Grossense – era uma associação de grandes latifundiários udenistas que surgiu para combater o comunismo e a ação do presidente João Goulart (2008: 56).

Contudo, somente após o golpe em 1964 que os udenistas passaram a agir realmente, prendendo e denunciando pessoas, tanto em Dourados quanto nas demais cidades do Estado. Segundo relato de entrevistas feitas por Arakaki concedidas por pessoas que viveram na região de Dourados durante o período da Ditadura, nunca houve comunistas na região, ao fato que eram apenas personagens folclóricos da imaginação das pessoas. Mas, sem dúvida, havia perseguições:

As perseguições atingiram principalmente os petebistas, tanto na zona urbana quanto rural. As prisões se iniciaram logo após a noite de 31 de março daquele ano. Petebistas foram caçados pelos coronéis udenistas e levados presos à Delegacia de Polícia da cidade. Muitas pessoas foram presas, mas contra elas não havia provas e foram mantidas na prisão até a chegada dos militares do Exército (ARAKAKI, 2008: 133).

O “Milagre Econômico” nos Grandes Centros e no Interior

Nos fins da década de 1960 e início dos anos de 1970, aconteceu um grande crescimento econômico no país, conhecido como “milagre econômico”. Esse termo foi usado para designar um crescimento econômico recorde, de períodos de inflação baixa e grandes projetos desenvolvimentistas.

Muitos foram os projetos visando que o Brasil se transformasse em uma nação desenvolvida. O principal problema a ser resolvido no país era o subdesenvolvimento. De acordo com Fábio Sá Earp e Luiz Carlos Dalome Prado, para resolver esse problema seria necessário “*crescer pelo menos pelo menos 7% ao ano, incorporar as tecnologias mais*

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MILAGRE ECONÔMICO” BRASILEIRO NA IMPRENSA DOURADENSE (1970-1973) – por Juliana dos Santos Pereira e Fabiano Coelho

modernas aos segmentos mais dinâmicos da sociedade e integrar segmentos e regiões atrasados ao núcleo mais moderno da economia” (2003: 221).

Todavia, no período referido, poucos brasileiros foram beneficiados. Por trás de todo crescimento econômico que os militares tentavam mostrar para o mundo, estava um Brasil cheio de contrastes e misérias. Neste sentido, de acordo com Júlio José Chiavenato, “a concentração de renda abusiva privilegiou uns poucos e afundou na miséria a grande maioria do povo” (1994: 92).

Mesmo diante do colapso que a camada brasileira menos favorecida vivia, os anos de 1970 não foram apenas de lástimas, como podemos observar nas palavras de Daniel Aarão Reis:

Os anos 70 [...] foram também anos de ouro, descortinando horizontes, abrindo fronteiras, geográficas e econômicas, movendo as pessoas em todas as direções dos pontos cardeais. [...] Anos preñes de fantasias esfuziantes, transmitidas pela TVs em cores, com tigres e tigresas de toda sorte dançando ao som de frenéticos *dancing’ days* (REIS, 2002: 61).

Voltando o olhar para a imprensa, através de manchetes e notícias, os meios de comunicação utilizavam linguagens cifradas para transmitir informações proibidas. E muitas vezes, a população entendia o que estava sendo transmitido. Sobre isso, cabe lembrar o texto de John B. Thompson no qual diz: “devemos abandonar a idéia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela continua recepção de mensagens similares” (1998: 31). Muitas eram as reportagens nos periódicos sobre o crescimento da economia brasileira. Um exemplo pode ser observado em um artigo da Revista *O Cruzeiro*, de 24 de outubro de 1973. O artigo evidencia a confiança do presidente do Banco Nacional da Habitação (BNH) sobre o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro:

Rubens Costa, entendido como é, não esconde sua convicção: o nosso Produto Interno Bruto se elevará a 200 bilhões de dólares em 1990 e a 400 bilhões no ano de 2000. O cálculo do Presidente do BNH é feito na base do crescimento auto-sustentado que o Brasil atingirá no final da década e levando em conta a expansão econômica de 7 % ao ano¹⁴.

¹⁴ Revista *O Cruzeiro*, 24 de outubro de 1973, n.º. 43, p. 43, Rio de Janeiro.

Esse “milagre” na economia brasileira só tornou-se possível porque o empobrecimento do povo não significou uma estagnação. Havia renda, mas esta era mal distribuída, sendo muito nas mãos de poucos e pouco nas mãos de muitos. A concentração de renda cresceu, e houve também um achatamento salarial, considerado o maior na história do país, apresentando dessa forma um índice elevado de “desenvolvimento”. Mesmo gerando desigualdades, esse surto da economia foi capaz de beneficiar muitos setores de negócios, com facilidades de crédito, em que muitos puderam adquirir casas próprias e o primeiro automóvel. Eram características das contradições desse modelo de desenvolvimento econômico. Segundo o entendimento de Kurt Rudolf Mirow, *“freqüentemente aliados, o Estado e as corporações multinacionais passaram a controlar o comércio exterior brasileiro, constituindo autênticos corredores de importação, garantindo colocação de produtos do exterior no país”* (1980: 215).

Nos grandes centros, falava-se no crescimento das indústrias, da casa própria, dos automóveis, do acesso fácil a créditos, e no próprio termo “milagre econômico”. Diferentemente do interior do país, em que o crescimento foi mais intenso no ramo da agropecuária e na infraestrutura das cidades. Não se ouvia falar no termo “milagre econômico”, somente em um “crescimento da economia”, exaltando a figura do Presidente da República.

A cidade de Dourados, na década de 1970, era considerada uma importante produtora agrícola, sobretudo, para a região do estado de Mato Grosso. Isso fica evidenciado nas palavras de Lori Alice Gressler e Kiyoshi Rachi *“em 1970, Dourados ocupava o 2º lugar no Estado, em produção extrativa vegetal e o 6º lugar em pecuária e agricultura. No ano seguinte, ou seja, em 1971, estava colocado em 5º lugar na arrecadação estadual e em 1º lugar entre os municípios da micro-região a que pertence”* (1976: 20).

A população de Dourados era composta de migrantes provenientes dos estados do Nordeste, de São Paulo, de Minas Gerais, e uma parcela considerável do Rio Grande do Sul. Essa população veio para região trabalhar na agricultura. Conforme Gressler e Rachi, *“de 1960 a 1970 a população da região praticamente triplicou, com certos extremos, de municípios nascentes, cuja população aumentou 18 vezes no mesmo período”* (1976: 29).

É possível afirmar que Dourados, no período do “milagre econômico”, era um importante produtor agrícola para a região. Não somente agrícola, mas também no que diz respeito à pecuária. A cidade caracterizava-se, nos anos de 1972/73, pela criação de gado *vacum* (boi e vaca), suíno, caprino e equino, existindo também a criação avícola. O gado era

destinado “*ao abate externo e interno e à exportação para cria e recria e também para a produção leiteira*” (GRESSLER; RACHI, 1976: 37).

O discurso do jornal *Folha de Dourados* sobre o “milagre econômico” na região de Dourados

Por meio do jornal *Folha de Dourados*, observamos como o “crescimento econômico”, ou “milagre econômico”, foi tratado nas publicações. Muito se falava em economia agropecuária, nas exportações que o Estado fazia, nas construções de estradas, indústrias para a região e o melhoramento das condições de vida da população, como o caso da energia elétrica. Dessa forma, as notícias publicadas procuravam fazer acreditar que o país e que a região de Dourados estava passando por um significativo crescimento econômico. Eram exaltados também a realidade brasileira e o seu crescimento econômico.

Em um artigo intitulado “*Mato Grosso exportou mais de um bilhão em 72*”, do dia 20 de fevereiro de 1973, podemos encontrar tais afirmações: “*65% das exportações matogrossenses no ano de 1972 foram do setor da pecuária. Na pauta de exportações, em primeiro lugar fica a pecuária, em segundo a agricultura e ressaltando também a exportação de madeira bruta e industrializada*”¹⁵.

Com a citação acima, percebemos que as exportações estavam com índices elevados, principalmente relacionados à pecuária. No setor da agricultura, temos como exemplo a exportação de soja e do mate. Conforme dados da época, o estado de Mato Grosso era considerado o maior produtor agrícola do Brasil.

A população douradense e grande parte da população da região liam as notícias que eram publicadas, e possivelmente acreditavam no avanço econômico do setor agrícola. No dia 5 de fevereiro de 1972, foi publicada uma notícia sobre empréstimos que o Governo faria aos agricultores. Na notícia “*Mais de 20 tipos de empréstimos à lavoura*”, é destacado que os empréstimos eram feitos de acordo com as necessidades de cada um, e que havia mais de 20 tipos de empréstimos, a fim de garantir o crescimento da produção agrícola¹⁶.

Com o apoio do governador José Fragelli, muitas rodovias foram construídas, no intuito de interligar municípios da região de Dourados e as zonas de produção agrícola. Muitas eram as notícias sobre essa questão, por exemplo, “*Mato Grosso: O maior produtor Agrícola do Brasil*”, da edição de 27 de abril de 1972, que diz: “*o governo de José Fragelli*

¹⁵ Mato Grosso exportou mais de um bilhão em 72. *Folha de Dourados*, p.05, nº. 337, ano VI, 20 de fevereiro de 1973.

¹⁶ Mais de 20 tipos de empréstimos à lavoura. *Folha de Dourados*, p.02, nº. 195, ano V, 05 de fevereiro de 1972.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MILAGRE ECONÔMICO” BRASILEIRO NA IMPRENSA DOURADENSE (1970-1973) – por Juliana dos Santos Pereira e Fabiano Coelho

*investe em construção de rodovias, em uma média de 4,5 quilômetros diários*¹⁷. Essas obras foram feitas pelo governo do Estado com apoio do Governo Federal, e as notícias publicadas buscavam mostrar à população as grandes obras públicas da época. Entre os anos de 1964 a 1972, a pavimentação da rede rodoviária federal brasileira foi quase triplicada, com construção de 20.401 km de vias de interesse nacional, conforme observamos em um artigo do jornal *Folha de Dourados*, intitulado de *Em oito anos o Brasil construiu 20.401 km de rodovias*, de 7 de outubro de 1972¹⁸.

Em contraste com o meio rural, nos grandes centros urbanos, a capacidade da produção da indústria aumentava com o passar dos tempos, sobretudo, pelo fato de o Governo apoiar o investimento de capitais estrangeiros no país. Na obra de Chiavenato, constatamos que os militares privilegiaram empresas estrangeiras para que buscassem investir no país:

O governo militar preferiu associa-se ao capital estrangeiro, favorecendo políticas que estrangularam a indústria nacional. Indústrias obsoletas no exterior ou que já haviam exaurido o mercado de seus países foram transferidas para o Brasil, [...] em resumo, a política econômica do governo militar privilegiou as multinacionais: baixos salários, liberdade para remessa de lucros e incentivos fiscais (1994, p. 89).

Uma evidência disso são as matérias publicadas no *Folha de Dourados*, que expressam o progresso das empresas estrangeiras no país. Tomemos como exemplo um artigo publicado no dia 30 de setembro de 1972, cujo título era “*O papel da Volkswagen na comunidade brasileira*”, que se remetia ao caso da Volkswagen (V W):

A grande aceitação dos veículos da V W resultou num interrupto aumento de produção e com isso o número de colaboradores multiplicou-se algumas dezenas de vezes. [...] Desta maneira, enquanto o salário mínimo da região (Grande São Paulo) é de Cr\$ 268, 80, o mínimo da empresa é de Cr\$ 439, 20, ou seja, 63% superior ao regional¹⁹.

Em decorrência do que foi exposto, notícias sobre aumento de salários eram publicadas, mascarando a realidade caótica que os trabalhadores vivenciavam. No artigo de 4 de maio de 1972, já citado anteriormente, podemos constatar, mediante a um decreto

¹⁷ Mato Grosso: O maior produtor Agrícola do Brasil, *Folha de Dourados*, p. 2, nº.221, ano V, 27 de abril de 1972.

¹⁸ Em oito anos o Brasil construiu 20.401 km de rodovias *Folha de Dourados*, p.01, nº.290, ano V, 07 de outubro de 1972.

¹⁹ O papel da Volkswagen na comunidade brasileira. *Folha de Dourados*, p. 3, nº. 287, ano V, 30 de setembro de 1972.

assinado pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, que o salário mínimo dos brasileiros teve um aumento de 19,15% a 24,44%, em 1º de maio daquele ano.

As condições em que a maior parte da população vivia na época em que se deu o “milagre econômico” não eram das melhores, cabendo ao Governo mascarar-las através de propagandas, sobretudo, no que diz respeito ao crescimento da economia. Nesta perspectiva, “em menos de cinco anos o *“milagre” mostrou sua verdadeira face: a concentração de renda abusiva privilegiou uns poucos e afundou na miséria a grande maioria do povo. E provocou o mais violento processo de desnutrição da nossa história*” (CHIAVENATO, 1994: 92).

Nada mais conveniente para o Governo do que usar a imprensa para esconder a realidade em que o país se encontrava. A imprensa possui poder, capaz de persuadir através de palavras e imagens, caso não sejam examinadas com cuidado. No jornal analisado, do dia 24 de outubro de 1972, é possível notar como a política de desenvolvimento dos militares era enaltecida pelos políticos, como é o caso do senador arenista²⁰ paulista Orlando Zancaner. Abaixo segue a fala do senador, que é passível de muitas análises e interpretações:

O governo já ergueu pilares de desenvolvimento nacional, assegurando um lugar respeitável para o Brasil no conjunto das grandes nações, [...] e que é inegável o crescimento do mercado de capitais no Brasil cuja rápida evolução tem merecido inequívoco reconhecimento internacional, notadamente por aqueles que se interessam vivamente pela nossa economia e pelas causas geradoras do desenvolvimento do país²¹.

Percebemos que a imprensa foi fundamental para que os militares pudessem tornar pública a ideia de que o país estava vivendo períodos de grande crescimento econômico, o que era propagado por jornais, rádios ou televisões. “*Martelavam-se os slogans otimistas, animando, encorajando, em mensagens positivas e ufanistas: ‘Pra frente, Brasil; Ninguém mais segura este país; Brasil, terra de oportunidades; Brasil, potência emergente*” (REIS, 2002: 56).

Quando se fala que a imprensa “induzia” as pessoas a acreditarem no “milagre econômico”, podemos estar um tanto equivocados, porque de fato existiu um crescimento significativo na economia brasileira. Todavia, a imprensa não mostrava o que havia por trás de todo crescimento, sendo a miséria um problema grave que assolava o país. Não seria

²⁰ O termo arenista designa o filiado do partido Aliança Renovadora Nacional (Arena).

²¹ Mercado de Capitais. *Folha de Dourados*, p. 01, nº. 297, ano V, 24 de outubro de 1972.

correto também afirmar que a imprensa por um todo agia desta forma. Havia meios de comunicação alternativos, como jornais e panfletos que denunciavam as atrocidades do Regime.

Conforme já foi descrito, a maioria dos brasileiros não foi beneficiada pelo “milagre econômico” devido à grande concentração de renda que decorreu dessa política. Desta forma, o governo criava mecanismos para ludibriar a população, para que esta não percebesse e questionasse a realidade da época. Uma das formas para que isso se tornasse possível, eram as notícias vinculadas à imprensa, exaltando o suposto crescimento econômico, e também através de eventos promovidos, como concursos de *misses*, mostras de cinemas, entre outros.

Foi publicado no dia 13 de março de 1971, no jornal *Folha de Dourados*, um artigo sobre a inauguração de um cinema para a cidade. No artigo “*Cine Ouro Branco o mais moderno no Centro-Oeste*”, trata-se de instalações modernas, importadas e de primeira linha, tudo para oferecer conforto e entretenimento ao povo douradense. Segundo os cálculos que o jornal fez, foram empregados mais de 500 mil cruzeiros para implantação do cinema, “*que será o ponto de encontro da elite douradense*”²². Ao mesmo tempo em que o artigo emprega o termo “povo”, ele também fala de “elite”. Mas ao utilizar “povo”, subentendemos, num primeiro momento, que o cinema era destinado a toda população douradense. Contudo, também se refere à “elite douradense”. Sendo assim, será que esse espaço de sociabilidade (cinema) era destinado a todos, ou a uma pequena parcela da sociedade, ou seja, à elite (aqueles que detinham poder econômico e político)? Nesta oportunidade, não pretendemos responder à indagação, mas sim levantar essa problemática, que irá ser aprofundada em pesquisas futuras.

Outro artigo também neste sentido refere-se à possibilidade de se adquirir um aparelho de tv. Nesta publicação, de título “*Todos poderão ter seu TV com 70 cruzeiros mensais*”, de 26 de setembro de 1970, a população é informada de que já é possível adquirir o aparelho de forma simples, com preços e condições acessíveis, pela firma A ELETRÔNICA LTDA. Este artigo também evidencia a explosão de consumo de eletrodomésticos na época²³. Mesmo com toda a explosão de consumo, as condições que o Brasil vivia na época do “milagre econômico” eram assombrosas, pelo menos para maior

²²Cine Ouro Branco o mais moderno no Centro-Oeste. *Folha de Dourados*, p. 6, nº. 148, ano IV, 13 de março de 1971.

²³Todos poderão ter seu TV com 70 cruzeiros mensais. *Folha de Dourados*, p. 6, nº. 129, ano III, 26 de setembro de 1970.

parte da população, e cabia ao Governo ocultá-las, por meio de propagandas enaltecendo o crescimento econômico.

Considerações Finais

Diante das fontes analisadas e bibliografias consultadas, observamos que o Governo se utilizou da imprensa para propagar o “milagre econômico” à população brasileira. A forma como o período foi representado por grande parte da imprensa foi interessante para o Governo, fazendo com que sua imagem crescesse em méritos perante à sociedade, também formando e transformando opiniões de grande parte dos leitores.

Tendo como fonte principal o jornal *Folha de Dourados*, percebemos a forma com que as notícias eram construídas e transmitidas para a população douradense, especialmente, acerca do “milagre econômico” e de seus efeitos na região, como a construção de estradas, indústrias, incentivos agropecuários, aumento salarial, enfim, a questões que diziam respeito ao crescimento econômico. Não obstante, as publicações analisadas giravam em torno também da figura de políticos da região douradense e do Estado brasileiro, quase sempre os enaltecendo. Por fim, destacamos também a relevância dos jornais enquanto fonte para os historiadores, auxiliando-os na compreensão do passado, e na constante aventura em se tentar desvendar “histórias”.

Fontes

Fragelli, futuro governador do Estado. *Folha de Dourados*, 20 de junho de 1970, p. 01, nº. 114, ano III.

Ministro do Exército orienta comemorações de 31 de março. *Folha de Dourados*, 13 de março de 1971, p. 03, nº. 148, ano IV.

Cr\$ 206,40 é o salário mínimo em Mato Grosso. *Folha de Dourados*, 04 de maio de 1972, p. 01, nº. 223, ano V.

Mato Grosso exportou mais de um bilhão em 72. *Folha de Dourados*, 20 de fevereiro de 1973, p.05, nº. 337, ano VI.

Mais de 20 tipos de empréstimos à lavoura. *Folha de Dourados*, 05 de fevereiro de 1972, p.02, nº. 195, ano V.

Mato Grosso: O maior produtor Agrícola do Brasil. *Folha de Dourados*, 27 de abril de 1972, p.02, nº.221, ano V.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MILAGRE ECONÔMICO” BRASILEIRO NA IMPRENSA DOURADENSE (1970-1973) – por Juliana dos Santos Pereira e Fabiano Coelho

Em oito anos o Brasil construiu 20.401 km de rodovias. *Folha de Dourados*, 07 de outubro de 1972, p.01, n°.290, ano V.

O papel da Volkswagen na comunidade brasileira. *Folha de Dourados*, 30 de setembro de 1972, p.03, n°. 287, ano V.

Mercado de Capitais. *Folha de Dourados*, 24 de outubro de 1972, p. 01, n°. 297, ano V.

Cine Ouro Branco o mais moderno no Centro-Oeste. *Folha de Dourados*, 13 de março de 1971, p. 06, n°. 148, ano IV.

Todos poderão ter sua TV com 70 cruzeiros mensais. *Folha de Dourados*, 26 de setembro de 1970, p.06, n°. 129, ano III.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ARAKAKI, Suzana. *Dourados: memórias e representações de 1964*. Dourados, MS: Editora UEMS, 2008.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CHIAVENATO, Júlio José. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. São Paulo: Moderna, 1994.

EARP, Fábio Sá; PRADO, Luiz Carlos Delome. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.) *O Tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GRESSLER, Lori Alice; RACHI, Kiyoshi. *Dourados: diagnóstico, planejamento, educação*. Dourados: [s.n.], 1976.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1991.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em Letra de Forma: Chato, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-205.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MILAGRE ECONÔMICO” BRASILEIRO NA IMPRENSA DOURADENSE (1970-1973) – por Juliana dos Santos Pereira e Fabiano Coelho

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAUAD, Ana Maria. *Sob o Signo da Imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro*. 1990. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

_____. O Olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Marias Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

MIROW, Kurt Rudof. *A ditadura dos Cartéis: Anatomia de um Subdesenvolvimento*. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Mortiz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PEREIRA, Luis Landes da Silva. *A imprensa como elo entre o Estado, a Sociedade e a Educação no Estado de Mato Grosso do Sul*. 1991.164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2002.

THOMPSON, John B. Comunicação e Contexto Social. In: _____. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Vozes, 1998.

Recebido em: 17/08/2010

Aprovado em: 26/10/2010